

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A LIBERDADE PRÉ-CÓDIGO
7 e 18 de Março de 2024

RED-HEADED WOMAN / 1933

A MULHER DOS CABELOS VERMELHOS

um filme de JACK CONWAY

Realização: Jack Conway *Argumento:* Anita Loos com Felix E. Feist, F. Scott Fitzgerald, Bess Meredyth, C. Gardner Sullivan (não creditados) a partir do romance de Katharine Brush *Fotografia:* Harold Rosson *Som:* Douglas Shearer, James Brock *Montagem:* Blanche Sewell *Direcção artística:* Cedric Gibbons *Guarda-roupa:* Adrian *Música:* Leo F. *Temas (não creditados):* *Red-Headed Woman* (música de Richard A. Whiting, letra de Ray Egan), etc. *Interpretação:* Jean Harlow, (Lil "Red" Andrews), Chester Morris (Bill Legendre Jr.), Lewis Stone (William Legendre Sr.), Leila Hyams (Irene Legendre), Una Merkel (Sally), Henry Stephenson (Charles B. Gaerste), Charles Boyer (Albert), May Robson (Tia Jane), Harvey Clark (Tio Fred), etc.

Produção: MGM (EUA, 1933) *Produtores:* Albert Lewin, Irving Thalberg (não creditados) *Supervisão de produção:* Paul Bern (não creditado) *Cópia:* DCP, preto-e-branco, versão original legendada electronicamente em português, 79 minutos *Estreia Mundial:* 25 de Junho de 1932 *Estreia em Portugal:* 4 de Junho de 1934 *Primeira apresentação na Cinemateca.*

“Com que então os homens preferem as loiras? Ah.” A tirada de Jean Harlow, a estrela platinada dos anos 1930 que aqui se transforma em ruiva, surge de chofre. É a primeira de *Red-Headed Woman*, em que o cabelo da personagem vai sendo referido em apontamentos com os olhos na estrela. Se bem que foi neste preciso filme, de peruca ruiva, que a popularidade da actriz disparou aos astros. A bem dizer, o papel de Lil Andrews, ou Red, terá sido pensado para Greta Garbo, esteve para calhar a Clara Bow ou a Barbara Stanwyck, mas é difícil pensar nela noutra corpo. A sexualidade desabrida da interpretação de Harlow assenta-lhe bem. Logo na época, as notícias de que tinha ido parar a Harlow notavam “a famosa loura platinada, Jean Harlow”. A *The Hollywood Times* dissertava sobre a hipótese de a MGM alterar o título do filme ou, em alternativa, arranjar uma porção generosa de hena para tingir de vermelho a “coroa de glória de Jean”. É exactamente o que o primeiro plano mostra, uma espirituosa rapariga deitada numa cadeira de cabeleireiro, de ombros e colo nus, primeiro de rosto coberto por uma toalha turca branca que ao ser retirada lhe descobre o rosto emoldurado a ruivo, não a louro – sim, as cambiantes são discerníveis a preto-e-branco –, e depois, sem corte, olhando o próprio reflexo num pequeno espelho oval. Sorriem olhos e lábios. Não pergunta se haverá alguém mais bela do que ela, soletra o “Com que então os homens preferem as loiras? Ah.” E após um silêncio interpelativo responde ainda, “Preferem, sim senhora!”

Paragem em Jean Harlow (1911-1937): a actriz da imagem platinada antes de Marilyn Monroe, a quem também chamavam “Blonde bombshell” (“the original blonde bombshell” depois de Marilyn) pela óbvia ressonância de *sex symbol* do início dos anos 1930 da Hollywood pré-Código, ficou associada a uma série de personagens de espírito livre e desenvoltura sexual. Se a sua vida no cinema teve a brevidade de nove dos seus vinte e seis anos, o seu rasto de grande estrela dessa galáxia foi perene, guardou esse brilho: na alvorada do sonoro, no final dos anos 1920, participou como figurante em algumas produções e assinou um primeiro contrato com os Estúdios Hal Roach. Com Howard Hughes, chegou a *Hell's Angels* (1930) e a um primeiro papel de relevo, embora não lhe tenha garantido os créditos num pequeno desempenho para *City Lights* de Chaplin no ano seguinte, por exemplo (uma participação que não consta da montagem final); o filme de Capra na Columbia, *Platinum Blonde* (1931, protagonizado por Loretta Young) ofereceu-lhe o cognome que ia bem com o tom conquistado a amoníaco, descolorantes e sabonetes. O contrato com a MGM aconteceu em 1932, onde viria a rivalizar, com fama e proveito, no protagonismo, com Joan Crawford, Greta Garbo e Norma Shearer: *Red-Headed Woman*, *Red Dust* (Victor Fleming, 1932), este último um dos seis

filmes em que fez par com Clark Gable; ou ainda *Bombshell* (Victor Fleming, 1933), *Dinner at Eight* (George Cukor, 1933), em que marcou muitos pontos na comédia, e depois *Reckless* (Victor Fleming, 1935) ou *Suzy* (George Fitzmaurice, 1936). *Saratoga*, nova realização de Jack Conway estreada após o falecimento prematuro em 1937, viria a ser a produção mais proveitosa da MGM nesse ano.

Regresso a *Red-Headed Woman*: o filme em que a estrela platinada dos anos 1930 Jean Harlow se transforma em ruiva e resultou num dos títulos que enfureceram os clubes moralistas e a Igreja católica, que o apontaram como o falhanço do Código Hays pré-1934, parte da adaptação de Anita Loos do romance homónimo de Katherine Brush. E tem, já agora acrescentando-se, uma história recheada de outros nomes que escapam aos créditos oficiais: F. Scott Fitzgerald e Marcel de Sano foram originalmente contratados por Irving Thalberg que depois, considerando a seriedade excessiva do resultado o re-entregou a Anita Loos, capitalizando a comédia em que Harlow cintilava (os dois guiões existem nos arquivos da universidade de Yale). Também está documentado que Thalberg trabalhou com o Hays Office para garantir a aprovação do filme, em particular atendendo às cenas em que Harlow surge mais despida ou é mais explícita nos seus avanços sexuais junto das presas masculinas (terão existido quase duas dezenas de cortes, sem que isso tenha ilibado as reacções de escândalo). A crítica rejubilou: “Sexy, picante, pejado de falas vigorosas, divertido, o filme está carregado de dinamite” (no *Motion Picture Herald*); “O filme segue o romance de Katherine Brush com a melhoria do sarcasmo de Anita Loos que, farta de loiras, dá às mulheres ruivas o que lhes é devido. A ver por puro divertimento. Jean interpreta tão inteligentemente um papel de má da fita que é impossível não gostar desta mulher de cabeleira ruiva.”

De facto. É transparente o prazer da actriz a interpretar tal desconcertante papel, uma mulher a quem nada demove no uso do sexo para a ascensão social, sem pruridos nem estados de alma vacilantes, capaz de chorar lágrimas de fel, usar e abusar das pernas de mel. Lil também é uma mulher que soluça como uma criança, pula, salta, grita como uma reguila no equilíbrio particular de sensualidade e insolência juvenil que definia a persona de Harlow em Hollywood, onde também lhe chamavam “sereia do ecrã” sublinhando o talento para a comédia, o drama, a sensualidade, ingenuidade infantil e erotismo adulto não contraditórios. Em *The Red-Headed Woman*, que abre no tom triunfante da canção com o mesmo título, a mulher de cabeleira ruiva, amiga da sua amiga Sally, interpretada por Una Merkel, é essa arrivista social com queda para seduzir homens que possam dar-lhe dinheiro e estatuto sem esquecer o prazer: o jovem patrão para quem trabalha como estenógrafa, um velho industrial do carvão, o jovem motorista atraente dele (interpretado por Charles Boyer, recém-chegado a Hollywood). Acaba a alvejar o primeiro, o tal homem com quem decidiu casar-se, estando ele casado, nem que fosse à força da compressão numa estreita cabine telefónica.

A cena na cabine telefónica é um dos delírios de *The Red-Headed Woman*, que não se refreia diante dos impulsos da explosiva protagonista. Em forma de prólogo, as três primeiras “vinhetas” do filme estampam-lhe um bem-disposto desassombro – o plano médio da cabeleira ruiva; o plano geral seguinte em que experimenta o vestido que a convence pela transparência; os planos aproximado e grande das pernas em que guarda a fotografia-miniatura do homem a conquistar em primeiro lugar. Os planos de pernas serão uma constante e as fotografias voltarão como elemento de prova. Na boa companhia da velocidade dos diálogos recheados de subentendidos, da fluidez da mise-en-scène, do ritmo pleno de energia, que é tanto a da história como a da personagem como a da actriz. Se foi um dos títulos que clamaram pela imposição das amarras do Código Hays, causando escândalo e dando brado, motivando a pura e simples interdição como sucedeu no Reino Unido, *The Red-Headed Woman* foi também o filme em que Jean Harlow brincou consigo mesma (com a imagem de si mesma) sobejando nas provas das graças de actriz. Ah! No fim acaba tudo em bem e ninguém sai da sua personagem.

Maria João Madeira